# A CULTURA METODOLÓGICA DA PESQUISA QUALITATIVA: DESENVOLVIMENTO E CRITÉRIOS DE CIENTIFICIDADE NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO[1]

**GT9: Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação**

Lisiane M. Aguiar[2]

Nísia Martins do Rosário[3]

## Resumo

O artigo tem como objetivo discutir as origens e o estatuto de cientificidade da pesquisa qualitativa tendo a cultura como intercessor para problematizar as especificidades desse desenvolvimento. Veremos que com a consolidação da pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, houve uma mudança de paradigma na forma de conceber o método científico. A partir disso, mapeamos as abordagens de pesquisadores da área da comunicação para ver como asseguram a cientificidade metodológica na prática investigativa. Observamos que no que se refere a um consenso terminológico ainda há muitas controvérsias ao falar de método e pesquisa qualitativa, apesar dos pressupostos teóricos seguirem por uma mesma via. Defendemos, assim, a pesquisa qualitativa no campo da

---

[1] Artigo apresentado ao "GT 9 Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación" do XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC).

[2] Doutoranda do PPG em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Ciência da Comunicação (UNISINOS). Membro do grupo de pesquisa em semiótica e culturas da comunicação (GPESC) da UFRGS e do Grupo de pesquisa em processos comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção (PROCESSOCOM) da UNISINOS. Bolsista Capes. E-mail: lisiaguiar@gmail.com

[3] Professora e pesquisadora do PPG em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutora em Comunicação Social (PUC/RS). Membro do grupo de pesquisa GPESC e PROCESSOCOM. E-mail: nisia@corporalidades.com.br.

comunicação como um conjunto de múltiplas práticas metodológicas na qual o método - na pesquisa - pode ser pensado como um *processo* de estratégia pedagógica que conjuga em confluência a dimensão epistemológica, teórica e empírica.

**Palavras-chave:** método, pesquisa qualitativa, comunicação.

## Introdução

Cultura pode ser um ato, uma arte, um modo de cultivar. Pode ser, também, um conjunto de informações herdadas através de um aprendizado social que se transmite através da observação, da repetição e da interpretação. De uma maneira mais acadêmica, Edward Burnett Tylor, considerado o pai do conceito moderno de cultura, a define como "todo aquele complexo que inclui conhecimento, crenc a, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade" (1920, p.1, tradução nossa). No entanto, o antropólogo Cliffort Geertz (1989) permite ultrapassar a visão que foca nos padrões de comportamento - usos, costumes, hábitos, tradições - e vê-la, também, como um conjunto de mecanismos de controle - fórmulas, planos, instruções, programas - que governam o comportamento[4]. Essa breve introdução sobre a cultura nos conduz a questão que esse artigo busca discutir: *Como está sendo constituída a cultura metodológica da pesquisa qualitativa no campo[5] da comunicação?*

---

[4] O comportamento é interpretado como ação simbólica e dentro de uma cultura como a constituição desse significado socialmente compartilhado (GEERTZ, 1989).

[5] Podemos pensar que existe um campo científico da comunicação se pensarmos pelo prisma trabalhado por Bourdieu *et al.* (2003), no qual, para se formar um campo científico, os conflitos epistemológicos acabam sendo os mesmos e inseparáveis dos conflitos políticos no que se refere à autonomia conquistada. Ou seja, a epistemologia de um campo é científica quando as autoridades desse campo conseguem estabelecer uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste numa matriz do que o campo possui e produz de investigação.

Seguindo a orientação de Geertz de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu" (1989, p. 15), assumimos a cultura como sendo essas teias e sua análise. Logo, para pensar na constituição de uma cultura metodológica da pesquisa qualitativa desenvolveremos o artigo em dois agenciamentos: a partir de suas teias de tradição discutiremos sobre as origens da pesquisa qualitativa nas ciências sociais para pensar suas características e seu desenvolvimento científico. Contemplando, para isso, principalmente, os autores Jensene e Jankowski (1993), Haguette (1992), Goldenberg (2007), Stengers (2002), Flick (2009) e Lessard-Hérbert *et al.* (2005). No segundo movimento, buscamos analisar os encaminhamentos de pesquisadores da área da comunicação que defendem a abordagem metodológica como tomada de decisões na prática da pesquisa qualitativa. Nessa etapa contamos com os direcionamentos teóricos de Lopes (2009), Santaella (2001) e Braga (2011).

Com o desdobramento de tais perspectivas, esperamos trazer aportes significativos para uma melhor compreensão da constituição da cultura metodológica no campo da comunicação.

## Estatuto de cientificidade nas origens e desenvolvimento da pesquisa qualitativa

*Se você quer compreender o que é ciência, você deve olhar,*
*em primeiro lugar, não para suas teorias ou as suas descobertas,*
*e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela;*
*você deve ver o que os praticantes da ciência fazem.*
*(GEERTZ, 1989, p. 15).*

Iniciamos com essas citações porque elas nos conduzem a refletir que a ciência legitima um modo de fazer pesquisa, mas também podemos nos questionar: quem assegura a cientificidade da própria ciência? Podemos pensar, então, numa "invenção das ciências modernas" operada por práticas coletivas para obtenção de conhecimento (STENGERS, 2002). Assim, para compreender a ciência é necessário entender em que cultura ela se constitui e, consequentemente, para falarmos de uma cientificidade da pesquisa qualitativa é necessário, em primeiro lugar, interpretar seus agenciamentos dentro do que foi concebido como ciência.

Nesta perspectiva, relembremos que na cultura ocidental, durante a antiguidade, os fenômenos naturais e sociais eram apreendidos, até então, por explicações divinas. Com o Renascimento há a transferência do eixo regido pela religião, central nas sociedades tradicionais, para o eixo razão. Nessa mudança, a ciência passa a ser fundamentada em leis, empregada pelo homem de forma determinista, objetivada, matematizada, apropriando-se do lugar ocupado por Deus.

A diferença desse deslocamento na Idade Média para se pensar a ciência não pelo prisma dos filósofos gregos - apesar deles terem sido os primeiros a refletir sobre a distinção entre o conhecimento vulgar e o saber científico - era o fato de eles compreenderem uma investigação, simplesmente, pelo raciocínio puro descartando a experiência e a observação. Somente a partir dessa compreensão é que se constitui uma ciência ao mesmo tempo quantitativa e experimental da natureza. Desde essa época os conceitos de "científico" e de "ciência" passam a ser pensados pela existência de um "método" que garanta a exatidão dos conhecimentos adquiridos, bem como sua aplicabilidade e progressividade.

Desse modo, a característica distintiva mais evidente entre o conhecimento filosófico e o conhecimento científico está na passagem da ciência do universal para o desenvolvimento das ciências particulares. Para a formação das ciências modernas foi necessário ultrapassar, principalmente, dois intercessores filosóficos: o pensamento platônico e o aristotélico, que afirmavam existir apenas a ciência do universal, na qual era possível chegar a uma verdade absoluta, simplesmente, através da razão (STENGERS, 2002).

Por muito tempo a Ciência e a Filosofia confundiram-se entre si, constituindo-se em uma única linha de conhecimento. Foi somente a partir do século XVI, que os cientistas buscaram, com a experimentação, uma observação mais objetiva e aperfeiçoada para superar as verdades postuladas pelos gregos e por todo o dogmatismo religioso. Os principais fundadores da ciência moderna que superaram o modelo Aristotélico foram Francis Bacon, Galileu Galilei e René Descartes.

Podemos sintetizar que Bacon propôs um método em que o verdadeiro caminho era o da indução, na qual toda a observação deveria ser sistematizada pela experimentação. Contudo, foi Galileu quem mais afastou os elementos subjetivos do âmbito do conhecimento científico. Insistia na necessidade de elaborar hipótese e submetê-las a provas experimentais. Já Descartes afasta-se dos processos indutivos e cria um método dedutivo. Com sua obra, *Discurso do método* (2008) ele propõe que o princípio do conhecimento é a razão[6]. Logo, a

[6] Descartes (2008) indica quatro regras para o seu método: a) não aceitar nada como verdadeiro sem antes passar pela razão; b) dividir as dificuldades em tantas partes simples quanto possíveis para melhor resolvê-las; c) realizar a simplificação do ponto de vista, os pensamentos devem ser ordenados logicamente; d) o processo pode ser retomado por outras pessoas, logo nada deve ser omitido, de modo que as contribuições e objeções de todos possam ser levadas em consideração. Consequentemente, para se chegar a uma certeza seria possível somente através da lógica.

“crença na razão e no poder de conhecer propiciou, na história das ideias, a rubricação da visão cartesiana de racionalismo” (HAGUETTE, 1992, p. 14).

Podemos observar que após a superação do pensamento filosófico para se pensar o conhecimento, os cientistas passam a desenvolver métodos que provém do empirismo e do racionalismo. Conforme Santaella (2001) as primeiras formulações sobre o fundamento do conhecimento surgiram “na oposição entre o racionalismo, associado principalmente aos nomes de Descartes e Leibniz, de um lado, e o empiricismo, de outro, ligado aos nomes de F. Bacon e dos ingleses Locke e Hobbes, culminando no empiricismo radical de Hume”. (2001, p. 107).

Para Haguette “a questão principal do confronto entre empirismo e racionalismo residia na disputa sobre quem melhor garante o domínio do real: a razão ou os sentidos (…)”. (HAGUETTE, 1992, p. 14). Temos, assim, um paralelismo entre o empirismo e o racionalismo no âmbito da ciência. Ambos buscam alcançar a verdade, porém os pontos de partida são opostos. O primeiro, parte da observação dos fatos particulares e depois das hipóteses a confirmar, ou seja, na origem dos fatos através do método indutivo. O segundo, parte da dedução, da razão, de uma generalização para chegar a casos concretos. Assim, há entre esses métodos uma inversão de procedimentos que versa sobre o ponto de partida e o caminho a seguir para alcançar o conhecimento. Resumindo: “o problema era, pois, de ordem ontológica”. (HAGUETTE, 1992, p. 14).

Entretanto, há em ambos uma separação entre o sujeito e o objeto. De acordo com Stengers (2002) isso ocorreu como uma forma de evitar invenções ou ficções do cientista. Por meio de um método científico o sujeito que realiza uma pesquisa se abstém para que o saber possa ser validado como verdadeiro e de modo coletivo. Para a autora, o que confere singularidade a essa fase é a invenção do

dispositivo experimental. Através desse dispositivo o cientista busca separar sujeito e objeto para que os resultados sejam aceitos pela comunidade científica.

Rompendo esse dualismo entre racionalismo e empirismo que marcou a Idade da Razão aparece Kant, que questiona o fato de em mais de dois mil anos de pensamento filosófico não haver uma crítica a esses modelos científicos. *Crítica da razão pura* foi a obra de Kant que inaugurou o idealismo transcendental e inspirou fenomenologistas, tais como Husserl e Heidegger.

Somente no final do século XIX e início do século XX (HAGUETTE, 1992; GOLDENBERG, 2007; JENSEN e JANKOWSKI, 1993) é que as chamadas metodologias qualitativas começaram a ganhar forma e a romper com o modelo de cientificidade até então seguido.

As entradas teóricas para abordar a pesquisa qualitativa são inúmeras e, mesmo que o desenvolvimento da investigação qualitativa tenha permeado toda a história das ciências sociais, ainda assim é possível diferenciar períodos através de um olhar atento sobre a sua prática e produção. Para os autores K. B. Jensen e N. W. Jankowski (1993) há três grandes momentos que nos permite, além de refletir sobre seus elementos constitutivos, relacionar com a comunicação de massa: um período inicial (de 1890 a 1930), um período médio (de 1930 a 1960) e um último período (de 1960 até o presente).

O período inicial da pesquisa qualitativa é marcado pelo estudo dos antropólogos nas sociedades “primitivas”. Nessa etapa teremos o primeiro trabalho de campo: um tratado científico de etnografia realizado pelo americano Lewis H. Morgan em 1851 (Goldenberg, 2007). Entretanto, somente entre 1883 e 1914 com as expedições de Franz Boas e Malinowski que a interpretação dos dados coletados

em campo ganha relevância na academia. De acordo com Goldenberg (2007) grande parte da renovação das ciências sociais se deve aos métodos de pesquisa de Malinowski. "*Argonauts of the Western Pacific* provocou uma verdadeira ruptura epistemológica na antropologia priorizando a observação direta e a experiência pessoal do pesquisador no campo" (2007, p. 22).

Nessa mesma época outro movimento que ocorria, mais precisamente em 1892, foi fundação da Universidade de Chicago. Interessante notar que em pouco tempo o departamento de sociologia e antropologia já era o principal centro de estudos dos EUA nessas áreas. Realizando pesquisas a partir da perspectiva interacionista, por praticamente 30 anos, acabou conhecido mundialmente como a Escola de Chicago.

A prática metodológica que mais se destacou nessa cultura foi a etnografia utilizando a observação participante, a história de vida, a entrevista e o estudo de caso para dar conta da maior preocupação dos pesquisadores de Chicago: "analisar os graves problemas enfrentados pela cidade a partir do ponto de vista dos indivíduos que são vistos socialmente como os principais responsáveis" (GOLDENBERG, 2007, p. 29).

No interacionismo simbólico o indivíduo é intérprete do universo que está inserido. Logo, para estudar empiricamente essa teia complexa houve o desenvolvimento de procedimentos originais na pesquisa qualitativa como o relato autobiográfico, a utilização de documentos pessoais (como cartas e diários íntimos), jornais diários, documentos públicos, painéis de discussão e conversas. (GOLDENBERG, 2007; HAGUETTE, 1992).

De acordo com Jensen e Jankowski na década de 1930 “se dasarrolló en Chicago una división separada con una orientación quantitativa, y el debate metodológico que surgió en toda la nación empezó a tomar forma emocional y explícita” (1993, p. 62). Para os autores essa reviravolta no modo de obtenção de conhecimento ocorreu por uma busca da sociologia para elevar seu *status* e passar a ser considerada como uma ciência.

De 1930 a 1960 vamos ver um período intermediário para as práticas metodológicas dentro das ciências sociais marcado pela reinserção de métodos quantitativos e moldado sobre a base do positivismo e das ciências físicas. Em 1932 com a eleição de F. D. Roosevelt temos o *boom* do estudo da propaganda política inaugurando o *New Deal* e as técnicas de formação da opinião pública. Em 1948, principalmente com Lasswell, veremos uma sociologia funcionalista da mídia que busca investigar e medir o impacto da comunicação. Para isso, utiliza, por exemplo, a análise do conteúdo, a análise dos efeitos da propaganda, a análise das mídias e a análise da audiência a partir de dados quantitativos.

Com o pós-guerra a investigação sobre a comunicação de massa é fomentada pela indústria publicitária e metodologicamente busca nos grupos focais um meio de estudar as transmissões de rádio e reações às propagandas. Os primeiros a fazerem uso dos grupos e entrevistas focais foi Paul Lazarsfeld e colegas da Agência de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Colúmbia (BARBOUR, 2009).

A turbulência política causada pela guerra conduziu o encontro de importantes membros da Escola de Frankfurt com Lazarsfeld na Universidade de Colúmbia. Isso ocorreu, pois Max Horkheimer ao ser destituído do cargo de diretor da Escola de Frankfurt (por ser judeu) vai para os EUA, acompanhado de antigos membros

como Theodor Adorno e Hebert Marcuse, também descendentes de judeus. O instituto muda-se para Nova York, onde torna-se afiliado da Universidade de Colúmbia.

Contudo, a colaboração que Lazarsfeld esperava da equipe de Adorno de unir empirismo americano com teoria europeia se torna um confronto para Adorno que não concebia a ideia de "medir a cultura". Adorno e Hokheimer fundam juntos o conceito de indústria cultural para os quais a comunicação de massa acabou por industrializar a cultura (A. e M. MATTELART, 2009). Metodologicamente as interpretações críticas aos fenômenos requeriam novamente a entrada da pesquisa qualitativa à discussão. Entretanto, intensificam-se os questionamentos sobre os critérios de cientificidade aplicados às metodologias qualitativas. A maior crítica foi a ausência de procedimentos de investigação explícitos.

Entramos assim por volta da década de 60 na terceira fase apontada por Jensen e Jankowski (1993) e que está em voga até hoje: *a investigação social interpretativa*. Metodologicamente veremos uma reorientação do interacionismo simbólico para o estudo dos conflitos sociais frutos das desigualdades raciais, políticas e econômicas da época[7]. Dentre os estudos mais representativos dessa época podemos citar os trabalhos de Howard Becker e Erving Goffman que, também, pertenciam a Escola de Chicago.

Nessa nova fase abriu-se caminho para correntes teórico-metodológicas, como a fenomenologia sociológica, a etnometodologia e a etnografia interpretativa (GOLDENBERG, 2007). Todavia, esse tipo de abordagem sem a delimitação de

[7] Para ilustrar esse período podemos citar a *Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade* em 1963, organizada por Martin Luther King.

procedimentos explícitos gerou muitas críticas por parte de conservadores funcionalistas.

Exatamente nesse ponto que o termo “pesquisa qualitativa” foi usado, “para descrever uma alternativa à pesquisa “quantitativa”, e foi cunhado no contexto de uma crítica à segunda, especialmente seus desdobramentos nos anos de 1960 e 1970” (FLICK, 2009, p. 16). Isso não significa que a pesquisa qualitativa se oponha à quantitativa, mas buscou construir se espaço dispondo de características próprias.

A partir disso podemos pensar que a constituição da pesquisa qualitativa para as ciências sociais possibilitou uma mudança de paradigmas sobre o próprio significado de método científico. Em 1962 é lançado o livro *Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn refletindo que “na ciência, um paradigma raramente é suscetível de reprodução” (2001, p. 44). O que ocorre é que o paradigma nas ciências está relacionado ao status de sucesso que um modelo pode obter para solucionar problemas e se destacar de seus concorrentes que não conseguiram a mesma notoriedade. Dessa forma, o modelo que alcançou o maior êxito passa a ser seguido e atualizado de diversas formas ampliando-se os conhecimentos inicialmente legitimados, mas sempre em torno do mesmo paradigma.

As contradições internas geradas em torno dos pressupostos já aceitos, entretanto, podem gerar novas perspectivas de interpretação, possibilitando uma lapidação depois do estabelecimento dos paradigmas.

A possibilidade de substituição do paradigma vigente só ocorre se surgir outro que seja superior a ele em todos os aspectos e que ganhe a adesão dos membros da

comunidade científica. A ocorrência disso leva ao que Kuhn chama de revolução científica. Portanto, para a evolução de uma ciência é necessário que haja fases de desenvolvimento e rupturas revolucionárias. Essa perspectiva ajuda-nos a compreender que as mudanças ocorridas com a pesquisa qualitativa passaram por fases e teve apoio da comunidade científica de questionar modelos já existentes.

Foi exatamente o que o epistemólogo Paul Feyerabend (2007) nos apresentou, no início dos anos setenta: uma ruptura com o modo de pensar as teorias do conhecimento. Elaborou uma crítica ao método científico. Logo em seguida (em 1973), Edgar Morin publica o primeiro volume de *O Método*. Para Morin "originalmente, a palavra método significava caminhada", mas na qual "é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha" (p. 36). Assim, "o método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método" (2003, p. 36).

Podemos ver, ao longo dessa sessão, que a origem e o desenvolvimento da constituição da pesquisa qualitativa na cultura das ciências sociais proporcionou uma mudança de paradigma na própria forma de conceber o método na pesquisa. Vimos, também, que a distinção paradigmática entre as abordagens quantitativas e qualitativas já está superada (FLICK, 2009; LESSARD-HÉRBERT, *et al.,* 2005). O ponto central a que chegamos é que a prática metodológica qualitativa exige critérios de avaliação da sua qualidade que ultrapassem apenas a busca pela objetividade (capacidade de confirmação), validade (consistência) e fidedignidade (credibilidade). A qualidade da pesquisa qualitativa reside, antes de tudo, na clarificação dos critérios a serem utilizados para as estratégias metodológicas e da explicitação de como eles foram operacionalizados no processo de investigação.

**Pesquisa qualitativa em comunicação: adoção de múltiplas práticas metodológicas**

*Si no se entiende que la investigación cualitativa*
*es un processo, no se entiende qué es*
*investigación cualitativa"*
*(OROZCO, 2012, p. 83).*

Num breve mapeamento dos livros que abordam a pesquisa em comunicação (no Brasil) encontramos apenas dois livros sobre o assunto a partir da perspectiva de um único autor (SANTAELLA, 2001; LOPES, 2009). Depois encontramos outros títulos fruto da compilação de artigos organizados por pesquisadores do campo que contemplam epistemologicamente questões metodológicas (BRAGA *et al*., 2010; MALDONADO *et al.*, 2008, 2012, 2011, 2013; ROSÁRIO *et al*, 2013a, 2013b; DUARTE *et al*, 2009; FRAGOSO *et al* 2011, FERREIRA *et al*, 2010; HOHLFELDT *et al*, 2012; LAGO *et al*, 2010). Podemos perceber que há poucos livros e todos lançados recentemente. Os livros das professoras e pesquisadoras Santaella[8] e Lopes[9] são os mais antigos e os que mais aparecem nas indicações das disciplinas de metodologias de pesquisa dos cursos de comunicação.

Em ambos há um direcionamento para pesquisa empírica através de um modelo metodológico que compreende suas fases e operações: a) definição do objeto através da teorização da problemática (operacionalizado através da construção do

[8] No livro de Santaella (2001) é apresentado um panorama das teorias em comunicação; um mapeamento da área; tipos de métodos e a orientação para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

[9] No livro de Lopes (2009) é abordado os fatores histórico-sociais científicos que regem as condições de produção da pesquisa no campo; é examinado os de ordem institucional; é aprofundada as problemáticas metodológicas; é formulado um modelo metodológico da pesquisa empírica em comunicação tanto na sua instância como nas suas fases.

problema de pesquisa, do quadro teórico de referência e da formulação de hipóteses); b) observação através das estratégias para a definição das técnicas de investigação (operacionalizado através da amostragem e das técnicas de coletas de dados); c) descrição dos procedimentos e técnicas (operacionalizado através análise descritiva); d) interpretação metodológica (operacionalizado através análise interpretativa); e) conclusões da pesquisa.

A prática metodológica para as autoras é um processo em que podemos visualizar a tríade: teoria, método e sujeito-pesquisador. Nessa configuração epistêmica é necessário ultrapassar a divisão artificial entre as dimensões teórica e metodológica, pois o objeto científico não está dado ele é resultado da inter-relação de teorias e concepções metodológicas. Para essa elaboração é possível adotar uma perspectiva de metodologia que conjugue processualmente as problematizações teórico-metodológicas às dimensões empíricas do objeto e às pluralidades do sujeito/pesquisador.

Reiterando tal afirmação para metodologia encontramos o artigo de Lopes (2010), publicado no livro *Pesquisa empírica em Comunicação*, que define “a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e de opção pelo investigador que estruturam a investigação em níveis e fases, cujas operações metodológicas se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico” (2010, p. 27). Para Braga (2011b) a prática da pesquisa em comunicação, também é a da *abordagem metodológica como tomada de decisões.* O autor considera que o abandono das regras apriorísticas torna a tomada de decisões um elemento central do encaminhamento metodológico. “Considerando a ineficácia da adoção de regras metodológicas apriorísticas e rígidas e a grande variedade de ângulos teóricos e de tipos de objeto na área, propõe perspectivas básicas e transversais

para cuidados metodológicos, adequados à diversidade de pesquisas qualitativas" (2011, p.1).

Diante dessa questão, o autor reflete sobre três elementos metodológicos relevantes da pesquisa empírica comunicacional: problematização, fundamentação teórica e observação empírica. Para isso é necessário o abandono consensual de metodologia como um conjunto de regras encaminhadas de forma apriorística ou como um aparato rígido. "Nessa perspectiva, a metodologia é uma sabedoria na tomada de decisões em que o pesquisador se vê constantemente envolvido" (2011, p.8).

Podemos observar que há uma tendência entre os pesquisadores da área de refletir sobre as processualidades da pesquisa empírica a partir do que podemos chamar de uma epistemologia da pesquisa qualitativa. Nessa medida, o pesquisador empírico coloca-se em contato com seu objeto – qualquer que ele seja – e propõe um debate e um percurso metodológico que vai se formando na medida em que o pesquisador se defronta com o objeto estudado, permitindo, dessa forma, que construção teórica contemple: a construção da problematização, seu acionamento metodológico para a observação empírica e a teoria gerada pela própria pesquisa.

Logo, podemos perceber que os princípios de cientificidade da pesquisa qualitativa operam na sua prática metodológica através da vigilância epistemológica, ou seja, as técnicas são *teorias em ato* como defendeu Bourdieu em seu ofício de sociólogo.

No ofício dos pesquisadores da área da comunicação encontramos uma validação interna do campo de conceber a pesquisa empírica como uma estratégia pedagógica para construir a dimensão metodológica.

Aprende-se com as ações da pesquisa exploratória quando há planejamento para lidar com a diversidade de decisões que vão desde formular a pergunta de pesquisa até encontrar e usar os procedimentos apropriados para trabalhar com vistas a responder essa pergunta. Entretanto, temos que considerar que essa postura não é tarefa fácil se levarmos em consideração que a própria constituição do campo da comunicação é tão recente como incipiente e muitos foram os pesquisadores que buscaram desvendar *o que é o campo da comunicação.* Esse interesse crítico pela história social e intelectual do próprio campo em determinar o que fica ou o que é banido resultou em uma controvérsia sobre o grande número de teoria e ao não encontrar um paradigma universal do campo comunicacional, aceitou-se outro, o do pluralismo teórico.

Nessa perspectiva, pensar a comunicação não significa pensar que tudo é comunicação ou que ela seja ciência de tudo, pois essa postura a tira do quadro de referência científica para virar parte unicamente de um valor social.

No entanto, é possível avaliar que o caráter *multi, pluri, trans, inter*disciplinar está presente desde a formação do campo da comunicação (WALLERSTEIN, *et al*., 1996), primeiramente, quando dentro das ciências sociais lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, depois vivenciando uma transformação das práticas culturais *comunicacionais* contemporâneas.

Essa mudança cultural na sociedade - como apontam Maldonado (2008, 2006) e Martín-Barbero (2006) - ocorre quando a mediação tecnológica comunicacional

deixa de ser apenas *instrumental* para converter-se em *experimental*, ou seja, a tecnologia introduz mais do que novos aparelhos, ela produz um “novo modo de relação entre os processos simbólicos” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). Nesse sentido, a dimensão simbólica vai sendo constantemente reconfigurada e, cada vez mais, vai instalando modos de vida multimídia, que, igualmente, demandam métodos de configuração múltipla. Essa característica permite perceber que cada problemática de investigação requer um processo repleto de especificidades, no qual as complexidades do objeto de estudo solicitam construções metodológicas próprias.

**Considerações finais**

No presente texto, com o objetivo de compreender como está sendo constituída a cultura metodológica da pesquisa qualitativa no campo da comunicação, tomamos como ponto de partida duas considerações preliminares: na primeira observamos as origens da pesquisa qualitativa nas ciências sociais, para conseguirmos apreender em seu desenvolvimento suas singularidades de cientificidade; na segunda preliminar buscamos analisar os encaminhamentos metodológicos de pesquisadores da área da comunicação e constatamos que a abordagem metodológica é pensada como tomada de decisão na prática da pesquisa qualitativa.

Desse modo, é possível admitir que a pesquisa em Comunicação, hoje, está atravessada pela cultura da pesquisa qualitativa. Nesta cultura, podemos perceber que as estratégias metodológicas são como instrumentos simbólicos que facilitam a mobilização do sentido. Entretanto, se as formas simbólicas assim produzidas, servem para sustentar relações de dominação ou para subvertê-las essa é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas práticas operam em

circunstâncias particulares, como elas são usadas e entendidas pelos indivíduos que as produzem e recebem, nos contextos socialmente estruturados.

Vimos que no contexto das ciências modernas, a distinção ideológica entre sujeito e objeto, por exemplo, existiu para garantir que o saber produzido pudesse ser validado de modo coletivo, pela comunidade científica. De acordo com Jaques Marre, o cientista - e mais ainda o pesquisador empírico - "é antes de tudo aquele que recomeça. É aquele que para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado" (1991, p. 4). Dessa forma, hoje na pesquisa qualitativa é possível defender que o sujeito, inevitavelmente, também faz parte da processualidade da pesquisa, por que é através do seu olhar, das suas percepções, das suas afecções que a pesquisa vai se constituir.

Desse ponto de vista não se trata dizer apenas que as representações do método alteraram-se culturalmente, mas que o próprio método, em sua materialidade, é necessariamente enredado na complexa teia histórica da qual faz parte. Em outras palavras, o modo pelo qual vemos, sentimos ou prestamos atenção em algo depende em grande parte das condições culturais que nos encontramos.

É preciso reconhecer que a pesquisa de modo geral, mesmo em seu mais profundo rigor, está atravessada pela subjetividade do pesquisador. Isso pode parecer um ponto negativo para a pesquisa, contudo, só será, se entendermos que a ciência é totalizante, universalizante e incapaz de erros. Afinal, o racionalismo também pode ser um instrumento de poder no campo científico, congelando a própria ciência. Pensando assim, o pesquisador "será inteiramente incapaz de compreender que aquilo que considera 'a voz da razão' não passa de

um efeito casual subsequente do treinamento que recebeu" (FEYERABEND, 2007, p. 40).

Nessa perspectiva, podemos perceber que, apesar de passar por tantas transformações, a herança positivista e a força das ciências duras exerceram um papel de tensionamento sobre as ciências sociais e humanas, fazendo voltar-se novamente para o quantitativismo na década de 30. Com a retomada da análise de dados quantitativos, os pesquisadores assumiram nesse período o viés cartesiano, para buscar validade e reconhecimento. Entretanto, a evasão de pesquisadores da Europa para os EUA, em função da guerra, tem papel importante para a retomada das metodologias qualitativas.

O caminho pela qual a pesquisa qualitativa foi sendo articulada para a aquisição de conhecimento, como podemos perceber, passou por muitas fases e ainda está em constante movimento de transformação, não apenas fazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas de investigação da própria arte de se fazer pesquisa científica.

Defendemos, assim, a pesquisa qualitativa como um conjunto de múltiplas práticas metodológicas na qual o método pode ser pensado como um *processo* que conjuga em confluência a dimensão epistemológica com a discussão teórica à investigação empírica como estratégia pedagógica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


Barbour, R. (2009). *Grupos Focais***.** Porto Alegre. Artmed.

Bourdieu, P., & Chamboredon, J-C. (2003). Epistemología y metodología; La ruptura; la construcción del objeto. In: P. Bourdieu, et al. *El oficio del sociólogo/presupuestos epistemológicos.* (5ª ed.) Madrid. Siglo XXI.

Braga, J. L., Lopes, M. I. V. de., & Martino, L. C. (org.) (2010). *Pesquisa empírica em comunicação.* São Paulo: Paulus.

Braga, J. L. (2011a, janeiro-abril). *Constituição do Campo da Comunicação. Verso e Reverso, 25* (58), 62-77**.**

Braga, J.. (2011b, jan-abr.) A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**.** *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação* – E-Compós**.** *14* (1), Brasília.

Descartes, R. (2008). *Discurso do Método.* Porto Alegre: L&PM.

Duarte, J. E., & Barros, A. (orgs.) (2009). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.* (2a ed). São Paulo: Atlas.

Feyerabend, P. (2007). *Contra o método.* São Paulo: Editora UNESP.

Ferreira, J., F.J.P. Pimenta., & L. Signates (orgs.) (2010). *Estudos da Comunicação: transversalidades epistemológicas.* São Leopoldo: Editora Unisinos,

Flick, U. (2009). *Uma introdução à pesquisa qualitativa.* Porto Alegre: Artmed.

Flick, U. (2009). Qualidade na pesquisa qualitativa**.** Porto Alegre: Artmed.

Flick, U. (2009). *Desenho na pesquisa qualitativa***.** Porto Alegre. Artmed.

Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet.* Porto Alegre: Sulina,

Goldenberg, M. (2007). *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.* Rio de Janeiro.

Haguette, T. M. F. (1992). *Metodologias qualitativas na sociologia.* Petrópolis. Vozes.

Hohlfeldt, A., Martino, L. C., & França, V. V. (org.). (2012). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. (12a ed.) Petrópolis: Vozes.

Jensen, K. B. E., & Jankowski, N. W. (eds). (1993). *Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas.* Barcelona. Bosch Casa Editorial.

Kuhn, T. S. (6ª ed.) (2001). *A Estrutura das Revoluções Científicas***.** São Paulo: Perspectiva.

Lago, C., & Benetti, M. (org.). (2010). *Metodologia de pesquisa em jornalismo***.** (3ª ed.) Petrópolis: Vozes.

Lessard-Hérbert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e práticas.* Lisboa. Instituto Piaget.

Lopes, M. I. V. (2009). *Pesquisa em Comunicação*. (9ª ed.) São Paulo: Loyola.

Lopes, M. I. V. (2010). Reflexidade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In Braga, J. L., Lopes, M. I. V. de., Martino, L. C. (orgs.). *Pesquisa empírica em comunicação.* São Paulo: Paulus.

Maldonado, A. E. (2008). *A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI.* In: A. E. Maldonado; J. Bonin; N. Rosário (orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa.* João Pessoa: Editora UFPB.

Maldonado, A. E. (2006). *Práxis teórico-metodológica na pesquisa.* In: A. E. Maldonado et al. *Metodologias de pesquisa em comunicação/Olhares trilhas e processos.* Porto Alegre: Sulina.

Martín-Barbero, J. (2006). "Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século". In: Moraes, D. de. (org.). *Sociedade midiatizada***.** Rio de Janeiro: Mauad.

Morin, E. (2003). *O método 1: a natureza da natureza.* (2ª ed.) Porto Alegre: Sulina.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC.

Santaella, L. (2001). *Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.* São Paulo: Hacker Editores.

Stengers, I. (2002). *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34.

Tylor, E. B. (1920). *Primitive culture***.** London: Murray.

Becker, H. (1994). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.

Maldonado, E., Bonin, J., & Rosario, N. M. do. (2008). *Perspectivas Metodológicas em Comunicação: desafios na prática investigativa.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

Maldonado, E., Bonin, J., & Rosario, N. M. do. [et al]. (2011). *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.* (2. ed. ampliada e atualizada) v. 1. Porto Alegre: Sulina.

Maldonado, E., Bonin, J., & Rosario, N. M. do. [et al]. (2012). *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação.* Rio do Sul: Unidavi.

Maldonado, E., Bonin, J., & Rosario, N. M. do. [et al]. (2013). *Metodologías de investigación en comunicación: Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa*. (1ª ed.) v. 1.Quito: Editorial Quipus CIESPAL.

Mattelart, A., & Mattelart, M. (2009). *História das teorias da comunicação.* (12ª ed.). São Paulo: Loyola.

Marre, J. (1991). *A construção do objeto científico na investigação empírica***.** Porto Alegre: UFRGS (mimeo).

Rosário, N. M. do., Bonin, J., & Maldonado, A. E. (orgs.) (2013a.) *Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios da prática investigativa.* (2ª ed.) Salamanca-Sevilha: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones.

Rosário, N. M. do. & Bonin, J. (orgs.). (2013b). Processualidades Metodológicas - configurações transformadoras em comunicação. (1ª ed.) Florianópolis: Insular.

Wallerstein, I., Prigogine, I., & Lecourt, D. et al. (1996). A construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945; Os grandes debates no interior das ciências sociais, de 1945 até o presente. In: I. Wallerstein, et al. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.